

LINA BOFF

Aparecida

300 ANOS
DE ROMARIA EM PRECE

Pescadores de uma santa

Os três notáveis pescadores de peixes começaram seu pesado e tenso trabalho pescando uma santa. Os três haviam recebido a ordem do patrão de preparar um saboroso e nobre jantar para o poderoso conde de Assumar, de passagem pela Vila de Guaratinguetá a caminho de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, onde iria assumir o cargo de governador da Capitania das Minas Gerais.

Como os peixes não apareciam nas suas redes, desceram o curso do rio até chegarem ao Porto de Itaguaçu. Os três já estavam quase desistindo da pescaria para o tal jantar do conde de Assumar. Até que um dos pescadores, João Alves, jogou a rede novamente e, em vez de peixes, apanhou o corpo de uma imagem.

À primeira vista, a imagem lhe era desconhecida. Em seguida, constatou, com os seus outros dois companheiros, ser aquele objeto o corpo de uma santa sem cabeça. Pelo manto com que a imagem estava envolvida e por sua postura celestial, de mãos postas para o céu, os três pescadores concluíram que se tratava realmente de uma santa, a Santa Virgem Maria, que é hoje a Mãe Aparecida, padroeira do Brasil.

A Mãe Aparecida não é apenas a grande patrona, a padroeira, mas é também a Grande Madre, a Mãe que abraça cada filha e cada filho que vem até ela. Ela é a patrona, a *Mater* que vem da linhagem das Grandes Mães e das célebres Matriarcas do Antigo Testamento até a Santa Mãe, Maria de Nazaré, que deu à luz ao Salvador de toda a humanidade.

Ao trono acorrendo da Virgem Maria,
Exulta o Brasil de amor e alegria.

Refrão: Ave, ave, ave, Maria! Nossa Senhora Aparecida!

Dois séculos faz, à terra ela vinha
Dos nossos afetos ser doce rainha.

O rio Paraíba recebe o favor
Imenso tesouro a Mãe do Senhor.

Nas curvas de um M, no rio brasileiro
Maria aparece à luz do Cruzeiro.

Maria na rede de três pescadores
vem ser prisioneira de nossos amores.

E a santa Senhora em tosco altarcinho
é logo cercada de prece e carinho.

(DR)

Quem é essa santa

Fazendo uma visita ao Santuário, pode-se conhecer a santa na sua linhagem ou, como se diz, na sua origem humana. Quando chegamos à esplanada da imensa Praça do Santuário de Aparecida, a primeira coisa que o romeiro e a romeira buscam é visitar o Portal da Virgem Mãe Aparecida. Ele é todo feito em porcelana e ouro branco, formando um grande sol. No centro desse Trono, como é chamado, há um nicho em metal, na forma de água e peixes, que indica a grande pesca milagrosa, onde apareceu, em duas partes, o corpo e a cabeça da Senhora Aparecida.

No mesmo quadro em que está o nicho da Mãe, temos a presença de Deus, que se revela através do sopro dos três arcanjos: Gabriel, Miguel e Rafael. A luz, a água em forma de ondas ao redor do Trono da Virgem e o barro do qual a santa foi retirada compõem o divino significado do encontro da Mãe Aparecida no Rio Paraíba e deixam transparecer a beleza dos elementos da natureza que rodeiam a santa negra. Não se pode deixar de observar esses detalhes ao rezar e entrar em contato com a Mãe Aparecida, que espera o filho ou a filha que acorrem a ela.

Continuando nossa visita, encontramos, ladeando, à direita do Trono de Nossa Senhora, as mulheres do Antigo Testamento, que prefiguram a origem da Mãe Aparecida, e, à esquerda, a figura das mulheres do Novo Testamento.

As mulheres do Antigo Testamento são as Grandes Mães: Eva, Agar, Sara e Rebeca. A Mãe Aparecida vem da linhagem de todas essas mulheres, e ela concebeu o Filho de Deus, o Messias esperado, quando o povo hebreu ainda vivia num clima voltado para a experiência do Êxodo, que prolongava a expectativa do Messias prometido pelos profetas.

Os profetas apontavam para uma libertação que viesse realizar a esperança alimentada pelo povo de Israel durante séculos e milênios.

Tenta-se viver um tempo novo de abertura e de esperança indicado pelas mulheres que iremos descrever a seguir.

Tirar Maria do cativeiro

Conhecer as mulheres que precederam Mãe Aparecida é tirar Maria do cativeiro em que foi colocada. Significa dizer que é importante reconhecer as filhas de Israel que tiveram um papel de cuidado amoroso, de guarda atenta e de libertação junto a seu povo. Aquelas que tiveram a coragem de realizar grandes e pequenos feitos em favor de seu povo.

Esses gestos têm uma ressonância bastante significativa para nós, hoje, porque apontam para a nossa missão diante do povo e evocam a missão da Mãe Aparecida para com as pessoas que recorrem a ela nas muitas romarias realizadas nesses trezentos anos, que simbolizam uma história de fé e de misericórdia para todos.

Quem são as Grandes Mães

São aquelas que deram início à humanidade. Nós as chamamos de Grandes Mães porque foram mulheres generosas, a ponto de darem a própria vida pela vida dos filhos e filhas que Deus lhes mandava. Nesse sentido, queremos destacar essas figuras.

Eva, a mãe de todos os viventes

Ela foi a esposa de Adão e deu origem à maternidade inicial da humanidade, segundo a Sagrada Escritura. Admira-se nesta mulher a vocação de ser mãe de todos os viventes da terra e conservar-se incólume em meio a tantas interpretações controvertidas que recebeu e continua recebendo até mesmo em nossos dias.

Agar, a escrava egípcia

Agar servia na casa de Abraão e Sara, e foi ela que deu descendência a Abraão com seu filho Ismael. Tendo sido despedida de casa por não se entender com Sara, fugiu para o deserto, levando seu filho com ela.

E, então, o Anjo do Senhor aparece para Agar e lhe promete que seu filho se tornaria pai de uma grande nação e, no momento em que isso acontece, irrompe-se um poço com água cintilante, salvando da morte mãe e filho.

Essa situação de sofrimento e abandono está ligada ao nome de um poço com água no momento em que Agar clama por Javé. Esta figura aponta para o fato de que Deus não cessa de ver e compadecer-se com o drama da vida humana, porque ele está sempre próximo de nós.

Sara, esposa de Abraão

Seu nome significa mulher de alta hierarquia, princesa. Mesmo sendo de idade avançada, e contra a própria falta de fé e de esperança, ela consegue dar descendência ao marido gerando a Isaac. O autor da Carta aos Hebreus interpreta o nascimento de Isaac como uma recompensa de Javé a Sara, que, mesmo tendo duvidado ao ser avisada de que iria ser mãe, refletiu sobre o aviso recebido pelos amigos de Abraão e considerou fiel o autor da promessa, Javé, ou seja, ela acreditou na fidelidade divina.

Rebeca, mãe de Jacó, o povo de Israel

O nome Rebeca significa: mulher que atrai as pessoas por sua beleza e virtudes. Era sobrinha-neta de Abraão, que se preocupava em dar uma esposa digna a seu filho Isaac.

Com tal finalidade, pediu a seu servo Eliezer que fosse ter com seus parentes para encontrar a esposa de seu filho Isaac.

Irromperam as qualidades de Rebeca quando esta recebeu Eliezer na casa de seu pai. Nessa ocasião, ela ofereceu água a

toda a comitiva de Eliezer e aos camelos que vinham carregados de mantimentos para a viagem. E Eliezer sentiu que sua oração de súplica feita a Javé, a fim de encontrar uma boa esposa para o filho de seu senhor, estava sendo atendida.

Depois de falar com o pai de Rebeca, este consentiu que a filha partisse na comitiva do servo de Abraão para conhecer Isaac, seu futuro esposo.

Rebeca foi fecunda na sua descendência e gerou dois filhos: Esaú e Jacó, o homem que deu descendência ao povo de Israel, de onde proveio o Messias, da descendência de Davi.

Portanto, essas são as Grandes Mães que encontramos ladeando, à direita, o Trono da Mãe Aparecida, e como que abrindo alas para deixar a Santa Mãe de Deus passar e chegar até seus filhos e filhas, que a acolhem com aclamações e súplicas. Para que o povo de Israel pudesse ver o Messias e acreditar nele como o Filho de Deus encarnado, as Grandes Mães precisavam resgatar a origem humana de Maria de Nazaré e torná-la sempre mais próxima de todos nós, ou seja, precisavam tirá-la do andor e trazê-la para junto de nós em nossa caminhada rumo à Casa do Pai.

Olhando para o exemplo das célebres matriarcas

Do ponto de vista que estamos abrangendo, a palavra matriarca se refere à mulher que vem dos antigos tempos. Ela se identifica como a mulher da coragem diante do perigo, a mulher que enfrenta o inimigo para libertar seu povo.

Exerce um poder que não pode ser confundido com a força política, que enfrenta a batalha para ganhar a guerra em favor de si própria. Ao contrário, ela exerce um poder que se faz serviço ao povo ao qual pertence. Com a intuição e sensibilidade que são próprias da mulher, percebe o perigo e o risco que seu povo corre diante do inimigo.

Levada por seu amor profético, quer dizer, corajoso e intrépido, de maneira inteligente, racional e ao mesmo tempo materna e afetiva, busca meios, parcerias e patrocínios, tanto de Javé como das pessoas que a cercam e a conhecem, para dar uma diretiva ou uma resposta a tempo e a hora, antes que o perigo avance contra seu povo.

Ao levar em conta a prática corajosa e destituída de receios gratuitos, tais gestos de fé e de confiança em Javé têm uma ressonância que pode ser vislumbrada na Mulher de Nazaré, que se abre livremente ao projeto divino e dá uma resposta definitiva à obra dos séculos, que é a encarnação do Verbo para a salvação de toda a humanidade.

Para apresentarmos algumas dessas matriarcas do Antigo Testamento que prefiguram a Santa Mãe de Deus que invocamos como Mãe Aparecida, nesses seus 300 anos de encontro com seu povo do Brasil e do mundo, vamos falar um pouco dessas mulheres e da sua antecipação que repercute na continuidade dos gestos de Maria de Nazaré como mãe e como discípula do Filho amado.

Maria, a irmã de Moisés

Todos conhecem a vitoriosa passagem do Mar Vermelho em direção à terra prometida. Após ser feita esta travessia, para render graças a Javé, Maria, a profetisa, tomou na mão seu tamborim e todas as outras mulheres a seguiram, cada uma com seu tamborim, formando coros de dança que entoavam: “Cantai a Javé, pois de glória se vestiu” (cf. Ex 15,20s).

Cantemos ao Senhor que fez brilhar sua glória!

Cantemos ao Senhor que fez brilhar, fez brilhar sua glória!

Ao Senhor quero cantar, pois fez brilhar a sua glória

Precipitou no Mar Vermelho o cavalo e o cavaleiro

O Senhor é minha força, é a razão do meu cantar

Pois foi ele neste dia para mim libertação

O Senhor Deus é um guerreiro, o seu nome é onipotente

Ele é meu Deus e o louvarei, Deus de meu pai e o honrarei

Os soldados e os carros do faraó afogou no mar

Seus melhores capitães afogou no mar, no Mar Vermelho

Afundaram como pedras e as ondas os cobriram
Ó Senhor, o vosso braço é duma força insuperável
Ó Senhor, o vosso braço esmigalhou os inimigos
Ó Senhor, o vosso braço esmigalhou os inimigos
Vosso povo levareis e os plantareis em vosso monte
No lugar que preparastes para vossa habitação
No santuário construído pelas vossas próprias mãos
O Senhor há de reinar eternamente pelos séculos

E, assim, a profetisa Maria foi arrastando atrás de si todas as mulheres, crianças e homens para render graças pela vitoriosa passagem de seu povo pelo Mar Vermelho.

A irmã de Moisés mostra esta determinação e criatividade em tomar a dianteira e arrastar atrás de si todas as mulheres e o povo que aí se encontravam depois da passagem do Mar Vermelho. Eles não se contentaram apenas com o canto de Moisés e os israelitas, queriam fazer ouvir também sua voz de ação de graças.

Não sabemos se o canto de Maria, que dançava e cantava com as outras mulheres, se reduziu a um estribilho ou se foi longo como o canto de Moisés com os israelitas.

Rute, a mulher estrangeira

Esta também foi uma mulher ousada. Seu nome quer dizer amiga, companheira. Toda a sua história é repleta de ternura e atenção, e se desenrola no quadro simples e pitoresco

do campo e das aldeias. Tendo sua família passado por muito sofrimento e mortes de parentes, o núcleo familiar de Rute se reduz a três viúvas: Noemi e as duas noras, Orfa e Rute. Rute ficou com sua sogra Noemi.

A miséria e a fome obrigaram Rute a rebuscar no campo de um parente próximo de seu sogro Elimelec, Booz. Este é conquistado pelo amor de Rute e, num admirável quadro campestre e folclórico, os dois se encontram, se desposam, se amam e dão à luz um filho, Obed, que assume a descendência davídica que encontramos em Mateus: “Obed gerou Jessé, Jessé gerou Davi” (Mt 4,17).

Segundo a interpretação dada pelos estudiosos e estudiosas da genealogia de Jesus, a mulher estrangeira torna-se instrumento do Espírito na História da Salvação porque Rute, a mulher pequena diante dos olhos humanos, passa a ser sinal da esperança messiânica e prefiguração da pequenez de Maria de Nazaré, para a qual Deus fez grandes coisas.

Tal episódio ressoa na vida de Maria de Nazaré no texto da genealogia em que damos de encontro com uma interrupção, que traz a descendência matriarcal na frente da patriarcal. Era lei que o pai fosse colocado antes da mãe. A citação é clara em Mateus, quando ele escreve: “Jacó gerou José, o esposo de Maria da qual nasceu Jesus” (cf. Mt 1). Com base nesta citação, vê-se que Cristo vem na contramão da História da Salvação e

à margem de todo um povo que foi escolhido por Javé para ser sua herança.

Maria encontra-se fora da estrutura da Aliança, mas é por ela que o Cristo Salvador vem para toda a humanidade. A mulher, naquele tempo, era vista só como a procriadora de filhos e filhas e tinha como visibilidade o ventre crescido, e, a partir daí, é invertido o andamento das coisas e das leis criadas e dadas pelos patriarcas. A matriarca trouxe o Salvador, e não o patriarca.

Esta atitude mostra que Maria, longe de ser uma mulher passiva diante da própria lei que impede a caminhada histórica do povo, não duvidou em afirmar que o amor do Senhor se estende de geração em geração e sobre todos aqueles que o temem.

Ana, mãe de Samuel

Ana era faminta pela descendência de seu marido Elcana. Sua serva Feena dava filhos a seu marido Elcana e ela nada podia fazer diante dessa situação. Todos os anos, quando iam ao templo, Elcana dava a Feena uma oferta maior porque ela tinha boa descendência. Este fato deixava Ana muito sentida e amargurada.

Ainda que seu marido Elcana lhe demonstrasse amor incondicional dizendo-lhe: “O amor que tenho por ti, Ana, é maior do que muitos filhos que você possa me dar. Não te basta esse meu amor?”. Mesmo assim Ana não se consolava. Resolveu ir

ao templo sozinha e, diante do Santo dos Santos, se derramou em lágrimas e preces com estas palavras:

O meu coração exulta em Javé... a minha boca se escancara contra meus inimigos, porque me alegro em tua salvação. Não há Santo como Javé e Rocha alguma existe como o nosso Deus. Não multipliqueis palavras altivas, nem brote dos vossos lábios a arrogância... O arco dos poderosos é quebrado, os debilitados se cingem de força. Os que viviam na fartura se empregam por comida, os que tinham fome não precisam trabalhar... É Javé quem empobrece e enriquece, quem humilha e quem exalta. Levanta do pó o fraco e do monturo o indigente, para os fazer assentar-se com os nobres e colocá-los num lugar de honra... Ele guarda o passo dos que lhe são fiéis, mas os ímpios desaparecem nas trevas, porque não pela força que o homem triunfa (1Sm 1,2-2,21).

Esta súplica de Ana é considerada a continuidade da presença do Senhor na missão de cada mulher do Antigo Testamento, missão que irrompe com a vinda de Jesus no meio de seu povo pelo Mistério da Encarnação, que se revela em Maria de Nazaré, cultuada com o título de Nossa Senhora Aparecida.

Por esta afirmação, sabe-se de que Nossa Senhora é uma só, ainda que receba vários nomes e títulos, dados pelo povo de acordo com sua cultura, e muitas vezes leve o nome do lugar onde apareceu, segundo a fé de cada região.

O evangelista Lucas, que tinha uma fonte própria de pesquisa para escrever seu Evangelho, adaptou do cântico de Ana, mulher de Elcana, o lindo cântico do *Magnificat*, que ele mesmo, com sua comunidade, colocou nos lábios de Maria de Nazaré. É o cântico mais proclamado e cantado nas comunidades de fé e no meio do povo que celebra o Senhor das pessoas pequenas e fracas, através das quais Deus faz grandes coisas para todos os povos que louvam e proclamam que ele é o dono da vida.

A rainha Ester

Ester apresenta-se diante de Assuero, rei da Pérsia, para tentar realizar sua arriscada missão de embaixatriz a favor da justiça e da salvação do seu povo. Para conseguir seu intento, a rainha Ester abandona suas vestes suntuosas, para vestir-se com roupas de aflição e luto, humilhar-se e cobrir seu corpo com os longos cabelos com que costumava adornar-se, para aparecer em público, com a fronte cingida pela coroa real.

Fazendo isso, suplica ao Senhor Deus de Israel em favor de seu povo com estas palavras de fé e de esperança:

Ó meu Senhor, nosso Rei, tu és o único! Vem em meu auxílio, pois estou só e não tenho outra proteção fora de ti, pois vou expor minha vida. Aprendi desde a infância no seio de minha família que foste tu, Senhor, que escolheste Israel entre todos os povos e nossos pais entre todos os antepassados para ser tua herança perpétua: e os trata-

te como lhes prometeste. Diante daqueles que querem o nosso fracasso até a morte, salva-nos a nós e a meu povo, com tua mão poderosa! Vem em nosso auxílio, pois, estamos sós e nada temos fora de ti, Senhor! ... Tu sabes o perigo por que passamos... Vem em nossa ajuda, vem! (Est 4,17q-17kk).

A juíza Débora

O nome Débora quer dizer “abelha”. Esta visita as flores para formar seu favo de mel. O simbolismo que traz em seu nome é muito rico: a abelha é organizada, laboriosa e infatigável. Não se submete porque tem asas e canto. Sublima o seu trabalho em mel imortal. É o quanto basta para conferir ao mel o elevado alcance espiritual que este representa, fruto de seu labor incessante, paralelamente ao simbolismo temporal. Operárias da colmeia, as abelhas asseguram a perenidade da espécie.

Cabe sublinhar que, por causa de seu mel e de seu ferrão, a abelha é considerada o emblema de Cristo: por um lado, revela sua doçura e sua misericórdia e, por outro, o exercício de sua justiça na qualidade de Cristo-juiz.

Débora era profetisa e exercia a função de juíza em Israel. Sentava-se debaixo da palmeira, na montanha de Efraim, e os israelitas iam ter com ela para que lhes servisse de árbitro, defendesse suas causas que exigiam justiça. Débora exercia, enfim, uma atividade política.

Diante de um juiz sem qualidades para defender a causa do povo de Israel, será uma mulher a revelar a proximidade de Deus a um povo oprimido. Depois de uma dura e sangrenta batalha, Débora abre seus lábios e eleva sua voz de vitória numa composição hínica, isto é, em forma de hino, ao Deus que se revelou ao povo num momento de perigo e morte:

Bendizei a Javé! Já que os guerreiros se consagraram a Deus e o povo, espontaneamente, se apresentou, bendizei a Javé!

Javé, quando saíste em campo, quando avançaste nas planícies de Edom, A terra tremeu, troaram os céus, as nuvens desfizeram-se em água.

Os montes deslizaram na presença de Javé, diante de Javé, o Deus de Israel! Renunciava-se nos campos, renunciava-se em Israel, até que te levantaste, ó Débora, e te colocaste em favor de teu povo: bendizei ao Senhor Javé!

Este episódio bíblico ressoa, juntamente com o trabalho atento e cuidadoso em favor das necessidades humanas de um povo. Assim foi o caso do povo de Israel, que não encontrava alguém com competência, fé e confiança para tomar a frente de uma situação na qual estava em jogo a sorte de uma nação inteira.

A figura da juíza Débora ecoa nos gestos atentos de Maria nas bodas de Caná. Ela envolve famílias que representam o povo do tempo histórico em que Jesus pregava o Reino a todos. Mas mesmo nessa particular situação de constrangimento para os noivos, Maria não deixa faltar o vinho. É uma mulher que toma a frente da causa e resolve a seu jeito.

Concluindo

Vimos, em primeiro lugar, que os três humildes pescadores foram personagens de grande repercussão devocional para as famílias da pequena aldeia por onde passava o Rio Paraíba. O encontro da pequena imagem deve-se a eles e à persistência deles em pescar, ainda que indo contra as forças da natureza, que não prometia peixes naquele dia.

A seguir, temos o resultado do esforço dos pescadores que, movidos pela fé, souberam ler o sinal da revelação divina que estava entre suas mãos cheias de calos, mas abertas ao dom de Deus, que tirava do cativeiro a humanidade de Maria e a colocava no meio de seu povo pobre e esquecido.

Nesse sentido, tirar Maria do seu cativeiro é tomar conhecimento de que a Mãe Aparecida tem descendência e pertence a uma grande família, que chamamos de linhagem. Significa dizer que ela está ligada às outras mulheres da Bíblia que viveram antes dela. Maria não “caiu” do céu pronta, do jeito que a vemos no andor.

Tivemos ocasião de apresentar, brevemente, as Grandes Mães: mulheres que arriscaram a própria vida para dar vida ao povo de Israel. Elas estiveram presentes bem no início da humanidade, especialmente na geração do povo que Javé havia escolhido para ser seu. Essas mulheres não tiveram medo de arriscar

até a sua incapacidade de serem mães, ou porque já eram de idade avançada ou porque ninguém mais acreditava nelas.

Falamos também das grandes matriarcas bíblicas. São assim chamadas porque são tidas como a base da família ou da sociedade. São aquelas mulheres que, no seu tempo, souberam interpretar o que Deus queria que elas fizessem para seu povo. Tanto as Grandes Mães como as matriarcas tiveram a coragem de se colocar do lado do povo, quando este passava por dificuldades ou quando corria perigo de ser destruído pelo inimigo.

A Mãe Aparecida vem dessa matriz, só que em outro tempo, em outra cultura e no meio de um povo bem diferente desse do tempo das Grandes Mães e das matriarcas bíblicas.

Citamos a história Sagrada da Mãe Aparecida, a partir do Rio Paraíba, no primeiro capítulo. Pudemos confirmar a nossa fé no poder desta Mãe que participa do poder de fazer milagres de seu filho Jesus, quando ela se deixou pescar pelos três humildes pescadores do Rio Paraíba.

Enfim, ainda hoje ela nos olha com carinho e misericórdia, para atender os nossos pedidos e até mesmo os nossos desejos. Por tudo, sentimos o vigor da nossa gratidão ao Pai e à Mãe de seu Filho, para cantar agradecendo o *Magnificat* de Ana nos lábios da Mãe Aparecida.